

“A NEUROPSIQUIATRIA NA PANDEMIA”

O mundo vive hoje a maior catástrofe sanitária dos últimos 100 anos. É a pandemia da COVID-19. Centenas de milhões de pessoas já foram infectadas e mais de 3 milhões de vidas já foram ceifadas pela ação patogênica do novo coronavírus. Pandemias são eventos inesperados. Começam insidiosamente, os hospitais ficam lotados, as mortes explodem e o pânico toma conta de todos. Há sempre as receitas infalíveis, o remédio que expulsa o mal, as revoltas contra quarentenas forçadas, em meio a discussões de quando isso vai acabar ou o que fazer para não sucumbir ao contágio. Durante a pandemia da gripe espanhola em 1918-1919, no Brasil já se recomendava o uso do quinino (uma aminoquinolina como a cloroquina e a hidroxicloroquina). No início do século XX, todas as casas tinham esse remédio milagroso, usado e abusado em uma época em que a malária e os doentes reumáticos proliferavam. Ter uma farmácia doméstica era item presente em todo lar: um armário na parede, branco, com uma cruz vermelha pintada. Hoje a “farmacinha” tem mais recursos – os antiparasitários sintéticos cloroquina, ivermectina, nitazoxanida, a azitromicina, o zinco, mas também estes estão sendo esquecidos; a esperança em comprimidos descartada. Os fatos se sucedem até a pandemia perder gradualmente sua força e acaba. Pouco sabemos sobre a pandemia que ora passamos; é um vírus novo, estamos aprendendo ainda sobre ele, não podemos prever até onde irá, ao menos nesse momento. A administração de vacinas ainda é incipiente e são as medidas tradicionais de higiene, distanciamento social e máscaras que dão algum resultado. A mente humana é sempre a mesma, precisa agarrar-se em algo para sobreviver à submersão da alma. Será o próprio vírus, cumprindo seu ciclo de ascensão e declínio, que mitigará o sofrimento de todos.

TRANSTORNOS MENTAIS

O crescente ônus da saúde pública das doenças mentais já excede a capacidade dos serviços psiquiátricos no mundo. Se a pandemia durar um longo período, a prática psiquiátrica e o lugar da psiquiatria na medicina deverão sofrer mudanças duradouras. Nesta fase aguda da crise, os psiquiatras enfrentam desafios únicos, tais como cuidar de pacientes com doenças mentais graves e infecções por COVID-19. A avaliação da OMS revela que em 60% dos países foram interrompidos os cuidados na área da saúde mental para as pessoas mais vulneráveis, incluindo crianças, adolescentes, idosos e mulheres grávidas ou puérperas. A taxa de transtornos por uso de substâncias aumenta, acelerando a escalada do consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas no mundo. A pandemia coloca médicos, profissionais de saúde e socorristas sob estresse físico e psicológico extremo em todo o mundo. A pandemia é de abrangência global e as pessoas testemunham o perigo iminente de risco de vida através da televisão e da mídia eletrônica. A exposição às notícias de centenas de pessoas que morrem todos os dias na sociedade durante meses pode ser evento traumático. Vêm se observando reações de ajustamento significativas na população, Transtornos do Estresse pós - traumático vêm se acumulando. É ainda difícil obter uma estimativa verdadeira da magnitude das respostas traumáticas observadas na população em resposta à pandemia. Depressão, transtornos ansiosos, psicoses relacionadas ao COVID-19 ou a “coronafobia” devido ao medo de se contaminar são algumas outras apresentações que estão surgindo. Dada a amplitude da crise em todo o mundo, essas apresentações clínicas já são frequentes. A Síndrome de Burnout está em ascensão. Serviços psiquiátricos oferecem apoio à saúde mental e orientações aos profissionais de saúde sobre como lidar com o estresse e desenvolver resiliência. Embora esses serviços ajudem muitos profissionais da linha de frente, existem limitações para essas intervenções. Para atender às necessidades de nossos pacientes e da

sociedade, psiquiatras e pesquisadores precisarão permanecer ágeis, com visão de futuro e prontos para se adaptar a novas situações!

DOENÇAS NEUROLÓGICAS

Os neurologistas podem estar deixando de diagnosticar doenças cerebrais graves e potencialmente fatais desencadeados pelo coronavírus nas formas leves da COVID-19. Michael Zandi et. al, pesquisadores da University College London (UCL), publicaram recentemente no periódico BRAIN estudo com mais de 40 pacientes com Covid-19, cujas complicações mais importantes são inflamação cerebral, danos neuronais e AVE. Em alguns casos, o problema neurológico é o primeiro e principal sintoma do paciente. Os cientistas demonstraram um aumento da encefalomielite disseminada aguda (ADEM), quando ocorreu a primeira onda da virose na Grã-Bretanha. Doze pacientes tiveram inflamação do SNC, 10 tiveram doença cerebral com delírium ou sintomas psicóticos, 8 tiveram AVCs e outros 8 tiveram síndrome de Guillain-Barré. Podem ter quadro neurais patológicos graves, podem estar muito doentes, mas têm uma doença pulmonar trivial. Biologicamente, ADEM tem semelhanças com a esclerose múltipla, mas é mais grave e acontece de forma pontual. Alguns pacientes ficam com deficiência de longo prazo, outros podem ter uma boa recuperação. Há preocupações sobre os efeitos de longo prazo do Covid-19 com pacientes dispneicos e fatigados muito tempo depois de terem eliminado o vírus, e outros com parestesias, paresias e dismnésias. Alguns pacientes ficam com deficiência de longo prazo, outros podem ter uma boa recuperação. Há preocupações sobre os efeitos de longo prazo do Covid-19 com pacientes dispneicos e fatigados muito tempo depois de terem eliminado o vírus, e outros com parestesias, paresias e dismnésias. Houve um surto de uma doença misteriosa logo após a pandemia de gripe espanhola, em 1918. A doença conhecida como encefalite letárgica apareceu no mundo naquela época e afetou mais de um milhão de pessoas. A preocupação é que há milhões de pessoas com Covid-19 agora. Se em um ano tivermos 10 milhões de pessoas recuperadas e elas tiverem déficits cognitivos, isso vai afetar sua capacidade de trabalhar e sua capacidade de efetuar atividades do cotidiano. Alguma “epidemia” oculta de efeitos tardios no cérebro pode ocorrer após Covid19, porque injúrias sutis estariam acometendo o cérebro hoje e lentamente as lesões aconteceriam nos próximos anos, mas é ainda muito cedo para predizer isso agora.

Editores

Antonio de Souza Andrade Filho
William Azevedo Dunningham